

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 2 de junho de 1998 - ano II, nº 21.

boletim

A difícil tarefa de “agarrar a água”

Germana H. P. de Sousa

Lucian Freud



Armadilha para Lamartine - Carlos & Carlos Sussekind. 3ª ed. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Do isolamento de sua “varandola-gabinete”, o Doutor Espártaco M. *consigna* a vida da Casa e da Família (assim mesmo com maiúsculas). Nada lhe escapa. Com o desejo de se apropriar de seu cotidiano e daquele de sua família, *consigna* até mesmo as suas evacuações, os distúrbios hormonais de sua filha, e todas aquelas pequenas misérias humanas que fazem de nosso cotidiano uma

praça de guerra contra o envelhecimento, a usura, o desabamento físico.

Ao tentar ordenar e racionalizar o cotidiano através da escrita obsessiva de um diário de mais de três mil páginas, que lhe tomou 30 anos, o ilustre jurista carioca Doutor Carlos Sussekind Mendonça - o Espártaco de *Armadilha para Lamartine*, fixa no papel a memória de toda a família, transformando a todos em personagens e cobaias de sua experiência e de sua existência. O diário da varandola-gabinete coloca a família do jurista no lugar da borboleta fixada no quadro por meio de um alfinete pelo colecionador. Aliás, o autor do diário é mesmo um colecionador de fatos, fotos e feitos. Percorre com sua lupa de observador minucioso tudo o que o cerca: das prisões de ventre de sua mulher aos ataques de escherichia que sofre, da vida política do país (a disputa eleitoral de 54 a 55, o governo Café Filho) ao retrato do Rio dos anos 50 - o Rio dos bondes, das hortências. E não contente com isso, cola a foto da Miss Brasil, o recorte do jornal, a bula do remédio. Tarefa vã, pois o diário, de acordo com Gusdorf, “evoca o gradiente do tempo, no qual inscreve marcas fugazes, desmentidas de um momento a outro; tal é a vã empresa daquele que, segundo a expressão de Montaigne, tentaria ‘agarrar a água’”.

Transformado em personagem-objeto do diário, o filho Carlos - o Lamartine da armadilha -, busca desesperadamente apropriar-se de sua própria memória, tomar-se sujeito-narrador e escapar da fixidez imposta pelo diário de seu pai. É dessa tentativa de ganhar voz e o direito de contar sua própria história, de se colocar no

mundo como um eu-narrador, que Carlos-Lamartine interfere e penetra no diário. Primeiro, cai na armadilha da sedução: apaixona-se pela escrita regular e ordenada do pai e torna-se seu leitor mais acurado, depois manipula o diário, faz recortes, pastiches, inventa partes que não havia no original, enfim, cria e constrói o seu próprio texto literário. Torna-se autor, ou seja, passa de personagem-objeto para sujeito-narrador. Aí cai em outra armadilha, a da escrita, pois, como se sabe, a autobiografia é uma narrativa em espelho, o eu se duplica em um eu-narrador e um eu-personagem. Esse eu-personagem é a cada momento do tempo um eu diferente, assim há tantos eus quanto momentos do passado e aí está a armadilha para Lamartine: quem ele é?

Sussekind tira proveito de suas atribulações com a ameaça da loucura e faz disso piada e matéria de romance. No seu romance mais recente *Que pensam vocês que ele fez*, publicado em 1994 pela Companhia das Letras, as perdas de memória (devido aos choques?) servem para que ele desmonte a máquina narrativa e faça um outro, sua futura ex-mulher, contar-lhe a sua vida, pois sua única lembrança é o que está consignado no diário do seu pai. Só que sua vida é contada por alguém que ouviu dele primeiro essa história. Assim, as vozes narrativas se sabotam e a narrativa sai da limitação de ter uma só versão, uma só voz. Há então tantas versões quanto há pessoas ou momentos vividos. O contar pertence a todos. Todos são narradores e personagens de sua própria história.

Em *Armadilha*, Carlos Sussekind usa do mesmo recurso para montar o jogo do contar: divide o romance em duas partes. A primeira, relatando sua experiência no Sanatório Três Cruzes, tem por narrador Ricardinho, um colega de internação e ilustrador do jornalzinho dos doentes, *O Ataque*. Porém, logo na primeira página do romance, uma advertência é feita ao leitor: quem conta a primeira parte é de fato Lamartine fazendo-se passar pelo colega para fazer chegar até o pai - Espártaco - o relato das peripécias que arna no sanatório, afinal, como disseram n’*O Ataque*, “de médico e louco todo mundo tem um pouco”. Um dos passatempos preferidos dos internos é ouvir Lamartine, que recebe “por telepatia” trechos do diário do pai, e que assim conta para todos a intimidade da Família M. Mais tarde, o próprio Lamartine entrega ao pai o original das “Mensagens do Pavilhão dos Tranqüilos”,

(continua)

ARMADILHA PARA LAMARTINE

“Agarrar a água”

(continuação)

revela o segredo e pede para que estas sejam incluídas no diário!

A segunda parte do romance, o diário da varandola-gabinete, traça o percurso da Casa, de outubro de 54 a agosto de 55, e mostra nas entrelinhas a evolução da crise religiosa de Lamartine que culmina com a internação, os choques, e a paixão por Inês, a dona “dos ombros altos”, título de uma novela de Sussekind, de 1960.

Assim, tudo se recorta e se interpõe: os dois textos, os dois pontos de vista, tornam-se de uma só e única autoria. Apesar da dupla assinatura da capa, Carlos & Carlos, Sussekind alcança o desejado e torna-se autor. Parece chegar então mais perto da porta de saída da loucura e pode sentar na sua, hoje, varandola-gabinete e tornar-se autor-referência na literatura nossa de todos os dias.

Germana H. P. de Sousa é professora do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

Sexta, dia 5 de junho

VIVA O POVO BRASILEIRO

de João Ubaldo Ribeiro

é o tema da última reunião do GT neste semestre.

Nesta sexta, dia 5 de junho, às 16 hs., na sala B1-251 (ICC Centro).

Leitura adicional recomendada:

O cortiço,
de Aluísio Azevedo

Revista de literatura brasileira contemporânea na UnB

Será lançado no segundo semestre deste ano o primeiro número de **Só Lâmina - Revista de Literatura Brasileira Contemporânea**, publicada pelo GT e pelo Instituto de Letras da UnB. As normas completas para a apresentação de colaborações e o manifesto de lançamento da revista se encontram na internet, na página <<http://www.unb.br/il/tel/boletim/>>.

RESUMO DAS NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE COLABORAÇÕES

1. Os artigos enviados a **Só Lâmina - Revista de Literatura Brasileira Contemporânea** devem ser inéditos.

2. Todos os artigos não-solicitados serão encaminhados a relatores *ad hoc*, mantidos o anonimato tanto do autor quanto do parecerista. A decisão final sobre a publicação caberá à comissão editorial. Os autores serão comunicados da decisão da comissão editorial num prazo máximo de quatro meses.

3. Os artigos devem ser digitados em alguma das versões do processador de texto Word para Windows, utilizando fonte Times New Roman, tamanho 13, e espaço duplo. Devem ser encaminhadas a **Só Lâmina** duas cópias impressas, *uma das quais sem qualquer identificação de autoria*. Da outra devem constar nome e dados do autor (filiação institucional, últimas publicações, e-mail). O texto também deve ser enviado em disquete flexível (de 3,5”).

4. Salvo casos excepcionais, os artigos não devem ultrapassar 40 laudas. As resenhas não podem ter mais que cinco laudas.

5. **Só Lâmina** não publica bibliografias no final dos artigos. Todas as referências bibliográficas devem ser incluídas em notas de rodapé e redigidas na forma seguinte:

a) *livro* - sobrenome do autor (vírgula) prenome (hífen) título em itálico

(ponto) nome do tradutor, precedido de “Trad. de”, quando for o caso (ponto) edição, quando for o caso (ponto) local de publicação (dois pontos) editora (vírgula) ano da publicação (vírgula) número da página, quando for o caso (ponto).

b) *conto, poema ou capítulo de livro* - sobrenome do autor (vírgula) prenome (hífen) título do conto, poema ou capítulo, entre aspas (vírgula) in título do livro em itálico (ponto) nome do tradutor, precedido de “Trad. de”, quando for o caso (ponto) edição, quando for o caso (ponto) local de publicação (dois pontos) editora (vírgula) ano da publicação (vírgula) número da página, quando for o caso (ponto).

c) *artigo em revista* - sobrenome do autor (vírgula) prenome (hífen) título do artigo entre aspas (vírgula) in nome do periódico em itálico (vírgula) volume do periódico, se houver (vírgula) número do periódico (ponto) local de publicação (vírgula) ano de publicação (vírgula) número de página (ponto).

6. Com o artigo, deve ser enviado um resumo de no máximo dez linhas. A comissão editorial se reserva o direito de alterar o resumo, a fim de padronizá-lo, quando julgar necessário.

7. O envio espontâneo de qualquer colaboração implica automaticamente a cessão dos direitos autorais ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília. A eventual republicação pelo autor é autorizada, desde que citado o local de publicação original.

8. O autor de artigo publicado em **Só Lâmina** receberá três exemplares da revista.

9. Os artigos devem ser enviados a: **Só Lâmina - Revista de Literatura Brasileira Contemporânea**, A/C Prof^ª Regina Dalcastagnè, Depto. de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, ICC, Ala B, Centro, Sobreloja Sala B-1 305, Campus Universitário, CEP 70910-900, Brasília - DF.

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Prof^ª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br
Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/il/tel/boletim/>